

A MORTE COM VÉU BRANCO: Uma Análise da Poesia de Emily Dickinson

Brena Kézzia de Lima Ferreira¹

Francisco Carlos Carvalho da Silva²

Resumo: Este trabalho é um estudo a respeito da obra da autora norte-americana Emily Dickinson, tendo como objetivo fazer uma análise acerca da presença da morte nos poemas escritos pela autora. Para isso, será feito um estudo relativo às principais fases literárias da escritora, bem como dos autores e obras que a influenciaram, além disso, discorreremos sobre o escritor norte-americano Walt Whitman, pois ambos estão inseridos no mesmo contexto histórico e literário. Com base em poemas nos quais se pode notar a constante alusão à morte, será mostrada a posição de Emily Dickinson perante um dos mistérios que há muito intriga a humanidade, e que por vezes esta mesma autora revelou como sendo um refúgio para o fim do sofrimento e da miséria humana. Este tema é recorrente não apenas na poesia de Emily Dickinson, mas também em diversas outras obras da literatura norte-americana, o conceito de morte pode variar de acordo com a concepção de cada pessoa, povo ou cultura.

Palavras-chave: Poesia, Morte, Emily Dickinson.

Abstract: This article is about the North American writer Emily Dickinson's work, we have as objective to do an analyze about the presence of the death in the Dickinson's poems. For it, we will do a relative study of the main writer's literary phases, as well, the writers and works which influenced herself. Moreover, we are going to write about the American writer Walt Whitman, because Dickinson and Whitman have the same historic and literary context. Based on poems that we can note the constant allusion to death, we are going to show the Emily Dickinson's position facing one of the most intrigue mysteries of humanity, and that sometimes she showed it as a refuge for the end of suffering and human misery. This theme is not only recurrent in the Dickinson's poetry, but in many others works of the North American literature, the concept of death can change according to the conception of each person, civilization or culture.

Key-words: Poetry, Death, Emily Dickinson.

¹Graduada em Letras/Inglês pela Universidade Estadual do Ceará – Faculdade de educação, Ciências e Letras do Sertão Central. (UECE/FECLESC)

E-mail: brenakezzia@hotmail.com

²Mestre membro do departamento de Letras Universidade Estadual do Ceará – Faculdade de Educação, Ciências e Letras d Sertão Central. (UECE/FECLESC)

E-mail: Carlos.oak@hotmail.com

Ao descrever a sua visão de mundo, ora irônica, ora romântica em poemas e cartas, Emily Dickinson que em vida publicou somente sete poemas e anonimamente, desafiou o seu tempo e os costumes de uma sociedade onde as mulheres eram desprivilegiadas apenas por serem mulheres. Mas antes de dizermos quem foi e o que fez Emily Dickinson, vamos conhecer o período no qual viveu a autora.

Os Estados Unidos no ano de 1861 a 1865 passavam por um momento de grandes perdas com a Guerra Civil, onde a destruição e a morte eram uma constante para todos, ou quase todos, que viviam naquela época. A sociedade norte-americana estava diante de um mal que em vista da evolução do país e a conquista da abolição da escravidão era preciso lutar pela “igualdade”. Essa guerra foi denominada como a luta pela liberdade contra a escravidão, isso denota uma luta entre as classes superiores com as menos favorecidas, ou ainda, uma luta geopolítica entre o Sul e o Norte, que trouxe grandes destruições para a América do Norte e do sul, além de custar cerca 620 mil vidas de soldados e, aproximadamente, 400 mil feridos e mutilados. O Norte por sua vez estava ligado à questão da industrialização, ou seja, a mão de obra escrava não era tão necessária quanto no Sul onde a escravidão era de extrema importância para o desenvolvimento da economia, pois a economia girava em torno da agro exportação.

A Guerra Civil ou Guerra de Secessão trouxe grandes prejuízos para a sociedade norte-americana, obviamente, foi o combate mais sangrento que houve dentro dos Estados Unidos da América com o país dividido em dois, Norte e Sul. Contudo, a partir dos resultados da guerra pela abolição da escravidão, nota-se que a colonização dos libertos, plano do início do governo Lincoln, era a melhor saída para o desenvolvimento do país.

No período de uma guerra como a mencionada anteriormente, a sociedade é quem sofre as grandes mazelas, seja pela destruição material ou mesmo espiritual, a perda de bens materiais não chegava à metade do sofrimento em relação à familiar. A Guerra Civil foi um marco na história, muitos escritores relataram em suas obras sobre este momento que os Estados Unidos estavam passando, entre eles um dos mais conhecidos por descrever e mostrar a sua opinião dos fatos de forma realista foi o escritor Walt Whitman (1819-1892), contemporâneo de Emily Dickinson, mas com uma visão totalmente diversa da mesma.

Walt Whitman, poeta e jornalista do século XIX, conviveu de perto com os males da guerra. Whitman, diferentemente de Emily Dickinson (1830-1886), não só escreveu sobre o assunto, mas também participou de forma ativa da guerra como um enfermeiro no estado da Virginia, assim pode conviver com a miséria, a desolação, a falta de humanismo, e morte de

muitos compatriotas. Em seus escritos observamos quão grande é a destruição causada por uma guerra. Whitman, além de escrever e descrever a destruição da sociedade, também escreveu sobre o desmoralamento interior que uma guerra pode causar ao ser humano. Segundo High (2010) Walt Whitman sentia grande compaixão pelas vítimas da guerra “I saw battle corpses... And the white skeletons of young men, I saw them”³. Ou seja, Whitman relatou o que observou diante da atrocidade e devastação do ser humano, principalmente o ser jovem em uma guerra.

Nos trabalhos de Walt Whitman também podemos destacar dois poemas em homenagem ao presidente Lincoln que são: *O captain! My Captain!* e *When Lilacs Last in the Dooryard Bloom'd*, que segundo High no livro acima citado, Walt Whitman tinha uma grande admiração pelo presidente Lincoln e via nele um símbolo de bondade presente na humanidade. Uma vez que, as atitudes do presidente Lincoln na Guerra de Secessão eram de unificar o país e acabar com a escravidão. Entretanto, segundo Karnal (2007), o presidente Abraham Lincoln pode ser considerado como um antiescravista, mas nunca como um abolicionista declarado. Pois o próprio conduzia um discurso ambíguo, sendo que, para os sulistas Lincoln era visto como um abolicionista e para alguns nortistas era um conservador, porque o próprio não defendia abertamente a questão da abolição. Contudo, para Walt Whitman Abraham Lincoln foi um capital digno de ser homenageado pela sua postura como presidente e como ser humano em defesa da união.

O estilo de escrita de Walt Whitman não traz grandes ornamentos poéticos, pelo contrário uma linguagem acessível para qualquer classe social, pois para Whitman a mensagem era mais importante do que a forma escrita, ou seja, o que chamamos de verso livre, Whitman foi o primeiro a explorar, sempre visando à clareza e precisão dos fatos. Uma característica bastante comum nos trabalhos de Whitman é a questão da democracia. Na maioria de seus trabalhos a democracia era a chave para um futuro de sucesso da humanidade, ou seja, a sua obra era voltada para a questão da liberdade e da igualdade social, por isso que o autor usava uma linguagem coloquial em sua poesia, para que assim, poder-se abranger o seu público alvo, a população pobre, que para o autor esses eram os verdadeiros norte-americanos.

Walt Whitman e Emily Dickinson fazem parte do mesmo período, foram escritores do século XIX que modificaram a escrita poética, mas divergem na visão de

³Eu vejo cadáveres de batalha...E esqueletos brancos de homens jovens, eu os vi.(Tradução nossa)

mundo. Enquanto, Whitman tinha uma visão realista, democrática e ativa na sociedade, Emily Dickinson estava envolvida com a visão religiosa, voltada para as questões da alma.

Assim como Walt Whitman, Emily Dickinson também escreveu sobre a guerra, embora que a autora não tenha tido contado com a destruição material, ou tenha participado de uma, mas evidentemente ela não estava totalmente reclusa. Dickinson, da mesma forma que escrevia cartas para os amigos mais próximos, também recebia cartas e visitas de parentes e amigos próximos, ou seja, é impossível viver em um local onde está acontecendo uma guerra e não sentir o sofrimento que essa traz. O fato de ela não mencionar a palavra guerra em suas poesias não significa que a mesma não tenha escrito sobre o sentimento da guerra, o sofrimento que ela causa. Emily Dickinson escreveu sobre o sofrimento interior, ou seja, sobre a guerra interior do ser humano, que pode vir de várias causas, até mesmo daquela pela qual o seu país e a sua cidade sofreram, a Guerra Civil.

Emily Dickinson, segundo Martin (2007), era uma poetisa à frente do seu tempo, um modelo de poetisa para as outras poetisas que seguiram um exemplo de excentricidade, autonomia e rebeldia, pois Dickinson vivia em uma sociedade onde as mulheres não podiam exprimir sua criatividade, tanto que os seus primeiros poemas e únicos publicados em vida foram anonimamente. Nascida em Amherst, Massachusetts, no dia 10 de dezembro de 1830, tendo falecido em 15 de maio de 1886 na mesma cidade e na mesma casa *The Homestead*, Emily Dickinson viveu grande parte da sua vida reclusa na mesma cidade, onde todo mundo conhecia todo mundo, por ser uma cidade pequena. Dickinson veio de uma família muito tradicional, seu avô paterno, Samuel Dickinson, fundou uma faculdade chamada *Amherst College* outros vários projetos na mesma cidade. Seu pai, Edward Dickinson, era um brilhante advogado e tinha uma visão particular sobre o papel da mulher e do homem na sociedade, ele acreditava que a mulher serviria melhor a sociedade como esposa e mãe e ele também acreditava que os livros que as mulheres liam, deviam ser, cuidadosamente, monitorado e controlado. Notamos isso em um trecho de uma das cartas de Emily Dickinson para Thomas Wentworth Higginson “and Father, too busy with his Briefs – to notice what we do – He buys me many Books – but begs me not to read them – because he fears they joggle the Mind”⁴(DICKINSON, 1862 *apud* MOURÃO, 2008, p.23).

Edward Dickinson vinha de uma família tradicional, logicamente, seus costumes, conceitos, crenças e atitudes estavam entranhadas no seu modo de vida. Casou-se com Emily Norcross em 06 de maio de 1828, como os conceitos daquela época Emily Norcross deixou sua

⁴E o Pai, muito ocupado com suas instruções – para noticiar o que fazemos – ele me compra muitos livros – mas pede-me para não lê-los – porque ele teme que eles perturbem a mente. (Tradução nossa.)

família, amigos e casa para seguir seu esposo. Segundo Martin (2007) dentro de cinco anos de casamento Emily Norcross e Edward Dickinson tiveram três filhos: William Austin (16 de abril de 1829), Emily Elisabeth (10 de dezembro de 1830) e LaviniaNorcross (28 de fevereiro de 1833).

Divergindo do ideal de mulher para Edward Dickinson e para a sociedade daquela época, Emily Dickinson nunca se casou. Entretanto, teve uma vida calma e reclusa, e sua vida particular é um mistério que pouco se sabe. Sonda-se que o motivo pelo qual a autora se tornou reclusa, seja o fato de um amor não correspondido, ou uma saúde fraca, como a mesma tinha, ou por querer se dedicar aos seus poemas. Todavia, a autora através de suas cartas e poemas demonstrava o amor como algo sublime, doloroso e eterno, por isso o seu desejo de preferir a morte a viver em uma eterna agonia.

Emily Dickinson escreveu entorno de 1.175 poemas, poucos foram publicados, antes de sua morte, Dickinson pede a sua irmã Lavinia para queima-los, mas a própria não atendendo ao pedido da irmã entrega-os a Thomas W.Higginson, esse por sua vez publica-os. Todos os poemas de Emily Dickinson não possuem título, sendo assim, para identificar cada poema, colocou-se a primeira linha do poema ou um número. A estrutura dos poemas é em verso, como também a autora usava uma linguagem metafórica e com destaque na ironia que permeia a maioria de seus poemas. Como podemos perceber no poema XXVII, extraído do livro *The Poemsof Emily Dickinson*(2003)⁵.

I'M nobody! Who are you?
Are you nobody, too?
Then there 's a pair of us—don't tell!
They 'd banish us, you know.
How dreary to be somebody!
How public, like a frog
To tell your name the livelong day
To an admiring bog! (p.21, no.XXVII⁶)

No poema XXVII nota-se que a ironia permeia em todo o poema, principalmente, em torno da afirmação e questionamento “I'mnobody! Who are you?”. Para compreendermos melhor o conceito de ironia“é comparável a um barco ancorado que o vento e a corrente, forças variáveis e constantes, arrastam lentamente para longe de seu ancoradouro”(MUECKE 1995, *apud*ALAVARCE2009, p.25).Ou seja, a ironia pode caminhar por diversos conceitos, como analisado no poema acima, o eu-lírico se alto avalia como um ninguém, porque a sociedade onde o mesmo está inserido o avalia assim, através disso, ressaltamos a questão da

⁵ A partir desta página todos os poemas citados são do livro *The Poemsof Emily Dickinson* (2003) e com tradução nossa.

⁶Não sou ninguém! Quem é você?! Ninguém, também?! Então somos um par – Não conte!/ Eles nos baniram, você sabe./ Que triste ser alguém!/ Que publica a fama/Dizer seu nome como rã/Para as palmas da lama!

mulher na sociedade naquela época, onde a mesma tinha que exercer, unicamente, o papel de uma boa esposa e mãe, em outras palavras, a mulher não era questionada sobre o que ela queria ser ou fazer, e sim era regida para seguir as tradições e convicções de sua família e os costumes de sua sociedade.

Os poemas de Dickinson podem ser agrupados em cinco partes: Vida, Natureza, Amor, Tempo e Eternidade. Mas também podemos encontrar a divisão em três partes: Amor, Natureza e Morte. Optamos pela divisão em três partes, por, na nossa concepção, abarcarem melhor e com mais clareza a obra da referida autora. Esses são temas, podemos assim dizer, universais, onde a maioria das pessoas discute sobre eles, mas com perspectivas e opiniões diferentes. Obviamente a visão sobre o amor, a natureza e a morte nos poemas de Dickinson é extremamente oposta ao que temos costume de ouvir, ou mesmo ao nosso modo de ver e de viver a vida e conseqüentemente de acreditarmos, principalmente pela última, a morte, pois para alguns a morte é o fim da existência, mas para outros é o começo de uma nova vida. Mas antes de nos determos no que é, e no que representa a morte para Emily Dickinson, vamos conhecer as outras duas partes da sua poesia.

A natureza, descrita por Emily Dickinson em seus poemas, é algo “sublime, surgido no momento certo, tudo dispersa como um raio e manifesta, inteira, de um jato, a força do orador” (LONGINO, 2005). Ou seja, o sublime é o ponto alto que podemos observar não somente em um dos temas abordado pela autora, mas em todosse têm a essência do sublime, como observado no poema LVII.

SOME keep the Sabbath going to church;
I keep it staying at home,
With a bobolink for a chorister,
And an orchard for a dome.
Some keep the Sabbath in surplice;
I just wear my wings,
And instead of tolling the bell for church,
Our little sexton sings.
God preaches,—a noted clergyman,—
And the sermon is never long;
So instead of getting to heaven at last,
I ’m going all along! (p.114 no. LVII⁷)

O eu-lírico descreve o seu quintal como uma igreja, e o canto de um pássaro como um sermão de Deus, que segundo o eu-lírico é preferível esse sermão a ir à igreja, pois não é cansativo, e ao descrever o cenário é como se o céu estivesse tão perto quanto o seu quintal, ou mesmo, como se o céu fosse o próprio quintal do eu-lírico. Esse poema, sem dúvida, é um

⁷Alguns guardam o Domingo indo à igreja/ Eu prefiro ficar em casa/ Tendo um pássaro como um cantor./E um pomar como Santuário./ Alguns guardam o Domingo em sobrepeliz;/ Mas eu só uso minhas asas./ E ao invés do badalo do sino na igreja,/ nosso pequeno sacristão canta./ É Deus que está pregando, - um celebre clérigo, -/ E o sermão nunca é longo;/ Assim, ao invés de chegar ao céu só no final,/Eu vou o tempo todo!

dos mais belos e descreve a natureza de uma forma simples, porém riquíssimo em detalhes nas comparações e na própria linguagem. Trata-se de uma visão do que é a natureza e a fé em um contexto natural. Com relação à segunda parte, o amor, foi escrito de diversas formas, ora belo, ora perturbador, ou mesmo um retrato de algo superior descrito de forma simples. No poema a seguir XXXVII, tem-se uma descrição do que o amor representa para o eu-lírico.

LOVE is anterior to life,
Posterior to death,
Initial of creation, and
The exponent of breath.(p.165, no. XXXVII⁸)

Neste poema a autora descreve o amor como algo que é eterno, superior ao tempo, até mesmo o tempo da vida e o da morte, é como um círculo onde o amor passa por todo o processo, por todas as fases, sem fim e sem começo. O amor sem dúvida é descrito como algo sublime e infundável. Esse tema é encontrado nos poemas de Emily Dickinson com várias faces desde o sublime às vezes ironizado, romântico, orgulhoso ou mesmo desiludido e amargurado, como ressaltado no poema XXXV.

Proud of my broken heart since thou didst break it,
Proud of the pain I did not feel till thee,
Proud of my night since thou with moons dost slake it,
Not to partake thy passion, my humility.(p.164, no. XXXV⁹)

Na terceira parte, a morte, que é o assunto principal deste trabalho, e que sem dúvida é o tema mais abordado nas poesias de Emily Dickinson, será mostrada de acordo com a visão da poetisa, mas antes de analisarmos a morte nas poesias de Emily Dickinson, acreditamos ser necessário discorreremos um pouco sobre este tema.

O fim da condição humana para muitos é uma perda irreparável, o fim de tudo, ou mesmo o começo de uma nova vida. Em suas várias roupagens a morte traz em si muitos sentidos e significados dependendo da cultura, período e doutrina de cada povo ou civilização, ou seja, o que a inexistência nesse mundo representa para um, para o outro pode ser o oposto. Alguns dizem que a religião é uma forma de nós, seres humanos, esquecermos ou mesmo, encararmos o último suspiro de forma positiva, como uma passagem, uma viagem, ou uma continuação da vida em outro plano e assim assumindo uma crença inabalável em nossa existência após a morte terrestre. E para aqueles que não acreditam na existência após a vida, obviamente este assunto tem um peso maior, em outras palavras a morte é o fim de tudo, dos sonhos, do ser e do sentido. Para entendermos melhor as diversas visões sobre a morte, vamos verificar como algumas culturas em seus períodos históricos abordam o tema em questão.

⁸ O amor é anterior à vida/ Posterior à morte/ Primitivo da criação, e,/ O expoente da respiração.

⁹Orgulho do meu coração partido desde que tu o quebraste./ Orgulho da minha dor que eu não sentia até ti, Orgulho da minha noite desde que tu com a tua lua a caldeou,/ Não participar da tua paixão, minha humildade.

O termo morte é de origem latina *mors, mortis* que significa morrer, exprime o sentido de fim da vida, seja ela animal ou vegetal. Já no sentido jurídico, ela não é simplesmente o fim da vida, mas a situação em que o homem passa a ser visto como inexistente. Esse é o problema, a inexistência do ser, o deixar de existir para si e para os outros, um medo e um futuro inevitável, como diz Rubem Alves na crônica *Sobre a Morte e o Morrer* (2003) “Já tive medo da morte. Hoje não tenho mais. O que sinto é uma enorme tristeza. Concordo com Mário Quintana: ‘Morrer, que me importa? (...) O diabo é deixar de viver.’ A vida é tão boa! Não quero ir embora...”. O medo ou a ausência dele não muda o inevitável, mas muda a percepção que temos sobre este assunto.

A visão do povo Egípcio sobre a morte era de um grande respeito, eles mumificavam os cadáveres para preservar o corpo, pois o mesmo era tido como a morada da alma, se a alma fosse absolvida no julgamento final e o corpo estivesse em perfeito estado, a alma poderia voltar para sua casa. Assim, eles desenvolveram várias técnicas de mumificação, eles tinham pessoas específicas para isto. A mumificação era a mistura de água e carbono de sódio. O cadáver era imerso nesta mistura e depois eram colocadas várias ervas e substâncias nele e em seguida enfaixado, as faixas eram coladas no defunto para que o ar não entrasse em contato com o corpo e assim o deteriorasse. Após a mumificação os cadáveres eram colocados em sarcófagos e posteriormente depositados em túmulos. Os Egípcios não tinham uma religião como as que nós vemos hoje em dia, pois para o povo Egípcio existiam vários deuses, tanto que no julgamento final os deuses eram responsáveis por aqueles que mereciam ou não absolvição, sendo eles: Anúbis, Osíris, Thoth e mais 42 juízes. Logo após o falecimento antes de começar o julgamento era entregue ao indivíduo o livro dos mortos que o título original em egípcio era *Per-em-hru*, Livro da chegada à luz. Para não ser condenado o julgado não poderia ter cometido contra outro ser humano infrações do tipo: roubar, matar, cometer adultério, entre outras. Na hora do julgamento o indivíduo era conduzido pelo deus Anúbis para ser julgado pelo tribunal de Osíris. No tribunal de Osíris o indivíduo era julgado de uma forma bastante interessante, segundo os preceitos egípcios o coração do indivíduo era colocado em uma das partes de uma balança e na outra uma pena (pluma) se o coração pesasse mais que a pena (pluma) o indivíduo era devorado por um deus, cuja cabeça era no formato de um crocodilo.

Para o povo Egípcio a morte era vista como algo grandioso, que ostentava grandes ritos e sacrifícios, como também causava medo e temeridade naquele povo, pois a morte era

um mistério para eles e conseqüentemente para nós, que apesar de muitos anos e tecnologia a frente do povo egípcio, não conseguimos desvendar esse mistério.

Na Grécia antiga, por sua vez, os costumes e ritos tomam outra proporção, o caminho da alma pós a morte para os gregos por volta do século VI a. C a partir do Orfismo¹⁰, que era uma escola de poetas e místicos que professavam que cada homem trazia dentro de si o bem e o mal, essa nova visão da religião profetizava a metempsicose e a transmigração da alma, que tudo indica foi quando *Hades*, o Além, foi dividido em três partes, sendo elas: Tártaro, Érebo e Campos Elísios. O Tártaro, situado na parte mais profunda, era para aqueles que cometeram crimes mais graves, O Érebo era para aqueles que cometeram crimes menos graves, e o Campo dos Elísios abrigava as almas que retornariam a vida. Para eles o mundo ífero era uma passagem onde eles se purificariam ou não dependendo de seus atos quando encarnados.

Observamos que no Egito eles acreditavam na imortalidade da alma, mas não havia uma crença definida, diferentemente da Grécia do século VI a. C, que segundo as ideias de Ferécidas apoiada nos costumes orientais acreditavam na reencarnação, mas essa ideia não foi aceita por todos. A reencarnação era tida como um ciclo de dez voltas que o homem deveria fazer, no caso o seu nascimento ocorreria de mil em mil anos.

O sepultamento dos corpos na Grécia Antiga era feito pelo os filhos do falecido, pois eles tinham o dever de sepultar seus pais, e se por ventura isso não acontecer à alma do falecido ficaria vagando por muitos anos, no entanto, na carência dos filhos o sepultamento era feito por parentes mais próximos. Podemos ressaltar isso no livro *Antígone* de SÓFOCLES(2005), onde se mostra a exposição de Antígone ao perigo para realizar o sepultamento de Polinice, seu irmão, para assim cumprir os ritos, “pois não sabes que Creonte concedeu a um de nossos irmãos, e negou ao outro, as honras de sepultar?”. Através dessa citação nota-se a preocupação por velar corretamente os corpos. O cadáver era ritualmente lavado e perfumado com essência, depois era vestido geralmente com vestes brancas simbolizando a pureza. Em seguida era envolvido com faixas, menos o seu rosto, que era para a alma ver o caminho que levava para a outra vida, e o corpo era depositado em uma mortalha. Era de costume enterrar alguns objetos de valor com os cadáveres como: anéis, punhais, colares e entre outros, segundo arqueólogos em uma determinada época era de

¹⁰Dicionário Eletrônico Houaiss 3: **orfismos**. *m*.

1. Rubrica: filosofia, religião. Seita filosófico-religiosa originada na Grécia do sVII a.C., cuja fundação era atribuída ao poeta mitológico Orfeu e cuja doutrina mística pregava a reencarnação da alma humana após a morte corporal.

costumes encontrarem moedas nas bocas dos cadáveres que era para pagar o barqueiro para atravessar a alma pelos rios infernais.

Os cuidados e os ritos que os povos tinham em sepultar os mortos vêm de muitos anos atrás, como também a crença em uma vida após a morte. Na Grécia do século VI a. C a crença era a reencarnação, que veio de costumes orientais, segundo CAPUTO (2008) a morte na cultura oriental é considerada como uma evolução e, conseqüente transição para uma nova vida, diferentemente da cultura ocidental, que tem raízes na civilização grega, como também no judaísmo e no cristianismo.

Assim sendo, a morte tem muitos significados, dependendo, obviamente, da concepção que temos sobre este tema. Através disso, destacamos os principais fatores que influenciam essa visão: a questão da cultura, do tempo e principalmente da crença, seja ela cristã, espírita, umbandista, protestante e entre outras.

Para Emily Dickinson que foi criada sob as instruções do protestantismo, algumas das características, símbolos ou mesmo imagens que remetem a religião são descritas nas poesias da autora. Obviamente, encontramos traços em seus poemas sobre a questão da fé interligada com a questão da morte que, para a autora, essa ligação era vista como algo eterno e sublime. Como podemos analisar no poema XXXI.

DEATH is a dialogue between
The spirit and the dust.
“Dissolve,” says Death. The Spirit, “Sir,
I have another trust.”
Death doubts it, argues from the ground.
The Spirit turns away,
Just laying off, for evidence,
An overcoat of clay.(p.192, no. XXXI¹¹)

Neste poema é possível perceber a questão da morte como dois pontos ou caminhos, o primeiro é a respeito do pó, que pode ser a decomposição do corpo, matéria, e o outro caminho seria a questão do espírito, com relação a este ponto, o eu-lírico acredita que a morte só acontece com a matéria e não com o espírito, pois o espírito vai embora, porém o eu-lírico não especifica para onde.

O caminho que o espírito segue ou não após a morte é uma assunto que depende da religião, cultura e traços típicos de cada indivíduo, ou seja, é uma questão de crença e de costumes inseridos em cada comunidade. Com isso, a autora deixa transparecer a ligação entre morte e fé. O eu-lírico acredita que o espírito é eterno, mas não nos revela o seu

¹¹ A morte é um dialogo entre/ O espírito e o pó./ “Desvanece” diz a morte. O espírito, “senhor,/ Eu tenho outra verdade.” / A morte dúvida, argumenta desde o chão./ O espírito afasta-se./ Simplesmente deixa, sem evidencia,/ Um sobretudo de argila.

paradeiro, com isso nos possibilita várias interpretações, desde a eternidade da alma no céu, a sua reencarnação, ou até mesmo, a sua existência em outro plano não especificado pelo eu-lírico.

O tema morte nas poesias de Dickinson tem várias interpretações, pois, como este é um dos temas mais abordados pela própria autora, ela o trabalha em situações ou concepções totalmente diversas, ora como algo irônico, misterioso, denso, ou mesmo como algo sublime, eterno e romântico. Dando-nos uma enciclopédia de sentidos e sentimentos sobre este tema no poema XXXVII a seguir.

IF I should n't be alive
When the robins come,
Give the one in red cravat
A memorial crumb.
If I could n't thank you,
Being just asleep,
You will know I 'm trying
With my granite lip!(p. 195, no.XXXVII¹²)

No poema XXXVII podemos analisar a presença da ironia, o eu-lírico utiliza de uma linguagem metafórica para descrever o cenário, sendo este que consiste em uma visita a alguém prestes a falecer, ou mesmo um falecido no túmulo, pois o próprio descreve ironicamente o fato das pessoas darem somente valor às outras, quando estas estiverem mortas, ou seja, as homenagens, sendo estas que consiste em as flores, as palavras amáveis e as gentis não têm utilidade para os que já morreram, sem dúvida, essa questão nos remete as diversas culturas, que homenageiam as pessoas após a morte. Notamos isso claramente através da mídia, com relação aos grandes atores, escritores, músicos e entre outros, quando esses eram vivos o máximo que receberam foram críticas sobre seus trabalhos e vida pessoal, poucas foram às vezes em vida que ganharam flores e reconhecimento, mas a partir do momento que os mesmos morreram, foram dignos de belas e grandiosas homenagens, em contra partida a mídia, as pessoas comuns que não tiveram o respaldo de uma vida pública, também passaram e passam por isso, pois essa não é uma questão de fama e sim um assunto que está relacionado ao ser humano e ao meio que ele está inserido, ou seja, os valores do próximo só são respeitados quando o outro não mais existir. Por isso, este tipo de atenção não é mais válido para o homenageado, pois o próprio não poderia agradecer algo que não tem mais importância, ou mesmo sentir gratidão por quem faz isso. Podemos perceber este fato

¹²Se eu não estiver viva/ Quando os pintarrosos chegarem/ A um de gravata rubra /dê-lhe por mim uma migalhinha./ Se acaso não agradeço/ estando já dormindo/ Sabei que estou tentando/ Com o meu lábio de granito!

quando o eu-lírico finaliza o poema dizendo “Youwillknow I ’m trying/Withmy granite lip!”, com isso, ele enfatiza que após a morte ninguém pode agradecer ou mesmo ver as homenagens, pois acima de seu corpo existe a lápide e obviamente não há mais vida.

Para Emily Dickinson a vida era vista como uma tortura e o fim da existência como uma libertação, ambas das visões de Dickinson são opostas aos costumes ocidentais, pois para os povos do ocidente a vida é liberdade, principalmente na fase da juventude onde os jovens pensam que o limite (morte) é uma palavra inexistente para eles, já com relação à imagem que eles fazem da morte é como se fosse algo aterrorizador, o fim dos sonhos, da carreira, um medo da própria ausência, da não existência, tanto que a caracterizamos como um ser de aspecto esquelético, usando uma capa preta e uma foice na mão, imagem essa comum aos filmes, e a imaginação de alguns. Divergindo dessa imagem que fazem da morte, Dickinson revela em seus manuscritos a morte como algo sublime e encantador, como analisado no poema XXVII a seguir:

BECAUSE I could not stop for Death,
He kindly stopped for me;
The carriage held but just ourselves
And Immortality.

We slowly drove, he knew no haste,
And I had put away
My labor, and my leisure too,
For his civility.

We passed the school where children played
At wrestling in a ring;
We passed the fields of gazing grain,
We passed the setting sun.

Or rather, He passed Us;
The Dews drew quivering and chill,
For only Gossamer, my Gown,
My Tipper only Tulle.

We paused before a house that seemed
A swelling of the ground;
The roof was scarcely visible,
The cornice but a mound.

Since then ’t is centuries; but each
Feels shorter than the day
I first surmised the horses’ heads
Were toward eternity.(p. 190, no.XXVII¹³)

¹³Porque não pude parar para morte/ Ele gentilmente parou para mim/ Na carruagem só cabíamos nós/ E a imortalidade/ Nós dirigimos lentamente, Ele não tinha pressa/ E eu já pusera de lado/ O meu labor e o meu lazer/ Para sua civilidade./ Passamos a escola, onde crianças brincavam/Luta no ringue / Passamos os campos de grão pasmado/ Passamos pelo por do sol./ Ou melhor, Ele passou por nós/ O sereno baixou gélido/ Era de gaze fina meu vestido/Minha capa, somente tule / Nós pausamos antes em uma casa que parecia/ Um inchaço da terra/ O telhado era pouco visível/ A cornija, rente ao chão/ Desde então faz séculos, mas em verdade/ Parece menos que um dia/ A primeira vez que vi as frentes dos cavalos/ rumo a eternidade.

No poema acima, a morte é revelada como um cocheiro, um verdadeiro *gentleman*, pois o eu-lírico descreve a morte como um ser masculino e de bela aparência “He kindly stopped for me;”. Nos primeiros versos deste poema, nota-se que o eu-lírico não queria ir com a morte, mas decide seguir em viagem deixando seu trabalho e seu lar rumo a algo superior a vida.

Nesta viagem, a morte e o eu-lírico passam por uma escola onde crianças brincam, essas crianças representam a infância, início da vida, como também, a semente significa a infância e sua continuidade representa as fases da vida, com isso, podemos perceber que a semente é uma metáfora que representa o ciclo da vida, ou seja, a semente quando plantada morre para nascer um ramo, o ramo se torna árvore e da árvore nasce frutos, de onde são tiradas as sementes para continuar o ciclo da vida. Como também, o sol simboliza esse ciclo, o dia representa a vida (luz) e a noite a morte (trevas), “We passed the setting sun. Or rather, He passed Us;” essa passagem do sol representa o fim da vida rumo ao desconhecido. Ou seja, uma viagem entre o passado (infância), presente (juventude ou velhice) e futuro (morte ou eternidade), além disso, as vestes descritas no poema nos mostram a leveza e a transparência da alma. Entretanto, ao chegar ao destino, o eu-lírico se depara com uma casa que tinha a cornija rente ao chão, através disso, observamos que não se trata de uma casa comum e sim de um jazigo, pois já era habitado por uma intumescência, em outras palavras, um corpo decomposto. E a viagem chega ao fim, o fim do corpo (matéria), mas não do espírito, pois esse vai com os cavalos rumo à eternidade.

Ao lermos este poema observamos que nele há uma crença na eternidade e na sua caminhada até lá, desde que o eu-lírico reverte toda a sua vida para chegar ao ponto crucial, que é quando a imortalidade sobressai à mortalidade na última estrofe, ou seja, o falecimento do corpo e a imortalidade da alma. Ainda, a concepção de morte neste poema, como também, para Emily Dickinson representa a fuga da angústia, do cotidiano, da mesmice e da esperança da imortalidade.

A eternidade e a morte são temas que estão interligados por uma questão de crença, além disso, o fim da existência terrestre em alguns poemas de Emily Dickinson era a libertação da alma, entretanto, para alguém que perde uma pessoa amada o sentimento é de

morte em vida, como ressaltado no poema *After great pain a formal feeling comes*¹⁴ (DICKINSON *apud* MARTIN, 2007, p.106):

After great pain a formal feeling comes--
The nerves sit ceremonious like tombs;
The stiff Heart questions--was it He that bore?
And yesterday--or centuries before?
The feet, mechanical, go round
A wooden way
Of ground, or air, or ought,
Regardless grown,
A quartz contentment, like a stone.
This is the hour of lead
Remembered if outlived,
As freezing persons recollect the snow--
First chill, then stupor, then the letting go.

No poema *After great pain a formal feeling comes*, nota-se a dor da perda de um ser amado, como também, a sua incapacidade e imobilidade diante dessa circunstância, situação essa que não só atinge o espírito, mas também ao seu corpo. Segundo Martin(2007), Dickinson resalta neste poema a forma como um ente querido deixa um vazio para quem permanece vivo, ou seja, mover-se pelo mundo sem nenhum sentido real, além disso, a morte de um ser querido cria um vazio no enlutado como se o próprio tivesse uma visualização da sua própria morte.

A morte tanto pode ser a liberdade da alma como também a prisão dela, a liberdade para quem vai rumo ao desconhecido e para quem fica a prisão e o exílio de uma perda. Sem dúvidas, a morte é um assunto que engloba várias concepções dentre elas a perfeição da beleza e da verdade como analisado no poema X.

I DIED for beauty, but was scarce
Adjusted in the tomb,
When one who died for truth was lain
In an adjoining room.
He questioned softly why I failed?
“For beauty,” I replied.
“And I for truth,—the two are one;
We brethren are,” he said.
And so, as kinsmen met a night,
We talked between the rooms,
Until the moss had reached our lips,
And covered up our names.(p. 180, no. X¹⁵)

¹⁴Depois de grande dor, vem um sentimento formal – / Os nervos sentam cerimoniais como uma tumba/ As questões duras do coração – Foi Ele que perfurou?/ Ontem – ou séculos antes?/ Os pés, mecânicos, andam em círculo/ Um modo de madeira/ No chão, no ar, ou no nada/ Apesar de tudo tornou-se / Contentamento de Quartz, como uma pedra / Esta é a hora de chumbo./ Como pessoas frias recordam a neve/ Primeiro frio, depois a letargia, em seguida deixa-se ir.

¹⁵Morri pela beleza, mas mal estava/ Ajustado na tumba/ Quando outro, que morreu pela verdade, estava a jazer/ Num recinto ao lado./ Ele suavemente perguntou “Por que eu morri?”/ “Por Beleza”, Eu respondi./ E eu pela verdade, as duas são uma./ Nós dois somos irmãos, Ele disse./ E assim, como parentes encontrávamos a noite./ Nós falávamos entre os recintos./ Até que o musgo alcançou nossos lábios./ E cobriu nossos nomes.

A autora neste poema ressalta dois valores da sociedade daquela época, ou seja, a beleza e a verdade, pois para a cultura ocidental esses valores são de grande importância até os dias de hoje, principalmente pelo fato das ambas serem igualadas neste poema, tendo elas o mesmo fim “For beauty,” I replied./ “And I for truth,—thetwo are one” , além disso, neste poema também se pode notar um trato com a morte, trato esse que aparece na maioria dos poemas de Emily Dickinson que segundo Aiken (*apud* SEWALL, 1963) este assunto é uma das mais extraordinárias coisas sobre a autora, pois segundo ele a autora morreu durante toda a sua vida, principalmente depois da morte de uma amiga que apareceram as dúvidas sobre a imortalidade. Além disso, devemos também ressaltar que a autora escreveu sobre o mistério da imortalidade e a sua angústia por não desvendar esse mistério que analisamos no poema *PassthyRendezvous of Light*¹⁶(DICKINSON *apud* LANDO 1999, p.59):

Pass to thy Rendezvous of Light
Painless except for us –
Who slowly ford the Mystery
Which thou has leaped across!

No poema *PassthyRendezvous of Light*, nota-se a dor da perda de um ser querido e a agonia tanto pela ausência desse ser, como também pela ausência de respostas sobre o caminho da alma. O mistério que acontece com alguém depois da morte é algo que intriga a autora, por vezes acredita na imortalidade, por outras a sua angústia prevalece por não saber o paradeiro da alma, como ressaltado no poema CXII:

I FELT a funeral in my brain,
And mourners, to and fro,
Kept treading, treading, till it seemed
That sense was breaking through.
And when they all were seated,
A service like a drum
Kept beating, beating, till I thought
My mind was going numb.
And then I heard them lift a box,
And creak across my soul
With those same boots of lead, again.
Then space began to toll
As all the heavens were a bell,
And Being but an ear,
And I and silence some strange race,
Wrecked, solitary, here.
And then a Plank in Reason, broke,
And I dropped down, and down.
And hit a World, at every plunge,
And Finished Knowing – Then.(p. 239, no.CXII¹⁷)

¹⁶Ultrapassa para o teu encontro com a luz/ Sem dor exceto por nós./ Que lentamente atravessamos o mistério/ Que tu saltaste veloz!

¹⁷Eu senti um funeral em meu cérebro./ E rezadeiras para lá e para cá/ Permaneceu pisando, pisando – até que parecia/ Essa sensação foi rompendo/ E quando todos estavam sentados,/ Um culto, como um tambor/ Permaneceu batendo – batendo – até que Eu pensei/ Minha mente esta ficando dormente/E então Eu os ouvi levantar uma caixa/ E a minha alma ranger de um lado a outro/ Com aquelas mesmas botas de chumbo, outra vez/ depois o espaço – começou a badalar./ Como se os céus fossem um sino./ E o Ser só um ouvido./ E eu e Silêncio, alguma estranha raça/ Destruídos, solitários, aqui – / E depois um ponto da Razão, quebrou./ E Eu caí, e caí –/ E bati num mundo, a cada dimensão./E terminou a cumplicidade – então -.

Segundo Martin (2007) o eu-lírico sendo ele um cadáver tenta falar sobre esse mistério da vida após a morte, a morte neste poema pode resultar na consciência, porém nada pode ser comunicado, entretanto, o eu-lírico adentra a morte cada vez mais, o sentimento que prevalece no poema é de que na verdade a morte é incomunicável, pois segundo o autor citado acima, a morte só é conhecida por ela mesma, com isso a autora nos revela a sua visão sobre o enigma da morte, por isso que a questão do silêncio (morte) para a autora representa o verdadeiro silêncio, por não conseguir ouvi-la.

A morte para Emily Dickinson tinha várias interpretações, como nós observamos durante este trabalho, por exemplo, o corpo (matéria) tem um caminho que é o da decomposição, e para o espírito outro que as vezes é revelado pela a autora como sendo a imortalidade, a questão da ironia com analogias às homenagens nos velórios e enterros, a morte com imagem de um cavaleiro, sendo esse um dos pontos mais interessantes da sua poesia. Como também, relacionou a morte à questão da eternidade e a sua eterna dúvida sobre a imortalidade, além disso, a autora escreveu acerca da questão sobre a morte em vida que pode ser entendida como a dor de perder alguém amado ou mesmo, a ausência da esperança na vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho notamos a importância da obra de Emily Dickinson para a literatura universal, principalmente pela sua concepção acerca da morte, pois a própria abordou este tema não como leiga, mas como alguém que conviveu diariamente com a morte, seus manuscritos nos releva a sua total entrega a este trabalho, embora algumas críticas sobre a sua escrita nada convencional para aquela época tenha atrapalhado a sua carreira, mas graças ao seu mais importante orientador o filósofo Ralph Waldo Emerson, que segundo High (2010) tenta classificar Emily Dickinson como um dos transcendentalistas, isso porque a visão da autora se assemelha com a do transcendentalismo que é ver o possível como mais importante do que o atual, através disso, podemos perceber que a poesia da autora nos mostrar uma visão que vai além do seu tempo.

O enigma sobre a vida pessoal da escritora e sobre a sua obra continuam até hoje, mas devemos enfatizar que embora não saibamos com exatidão os acontecimentos que marcaram a sua vida, o fato da sua reclusão nos dá a entender que a própria vivia numa sociedade onde a mulher não podia exercer a função que escolhesse, tanto que a autora quebrou os conceitos daquela época por não se casar e também por escrever poesias mesmo anonimamente, assim, Dickinson através da sua obra, nos revelou uma nova visão sobre os

temas mundiais da poesia. Por isso, é de extrema importância conhecer o seu trabalho, pois tanto os poemas, quanto as cartas mostram uma nova concepção da literatura norte-americana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARVARCE, Camila da Silva. *A ironia e as suas refrações um Estudo sobre a dissonância na paródia e no riso*. São Paulo: UNESP, 2009.
- ALVES, Rubens. *A morte e o morrer*. Texto publicado no jornal “Folha de São Paulo”, Caderno “Sinapse” do dia 12-10-03. fls 3.
- ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Tradução de Priscila de Viana Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. Tradução de Jaime Bruna. 12. Ed. São Paulo: Cultrix, 2005
- CAPUTO, Rodrigo Feliciano. Revista Multidisciplinar da UNIESP: Saber Acadêmico - n ° 06 - Dez. 2008/ ISSN 1980-5950.
- DICKINSON, Emily. *Cinquenta poemas*. Tradução de Isa Mara Lando. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- _____, Emily. *Poemas escolhidos*. Tradução de Ivo Bender. – Porto Alegre: LP&M, 2008.
- _____, Emily. *Alguns poemas*. – Tradução de José Lira .São Paulo: Iluminuras, 2009.
- HIGH, Peter B. *An Outline of AMERICAN LITERATURE*. New York: Longman, 2010.
- KARNAL, Leandro. *História dos Estados Unidos das Origens ao Século XXI*. Contexto, 2007.
- MARTIN, Wendy. *The Cambridge Introduction to Emily Dickinson*. New York: Cambridge, 2007.
- MOURÃO, Fernanda. *117 e Outros Poemas À Procura da Palavra de Emily Dickinson*. 2008. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- NABUCO, Carolina. *Retrato dos Estados Unidos à luz da sua literatura*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1967.
- SEWALL, Richard B. *Dickinson: A Collection of Critical Essays. Twentieth Century Views Series*. A Spectrum Book, 1963.
- SÓFOCLES. *Antígone*. Tradução de J. B. de Melo Souza. eBooksBrasil, 2005. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/antigone.pdf> Acessado em novembro de 2012.
- THE PENNSYLVANIA STATE UNIVERSITY. *The Poems of Emily Dickinson*. Copyright, 2003.